

O PRÉ-CONSTRUÍDO E O ENUNCIADO ANTECEDENTE NA CONSTITUIÇÃO DO DISCURSO/ENUNCIADO ATUAL: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

Paula Gaida Winch⁵³

Silvana Schwab do Nascimento⁵⁴

RESUMO: Tanto para Pêcheux quanto para Bakhtin, o processo de produção de um discurso/enunciado não é um processo exclusivo do sujeito. Há outros elementos que também participam desse processo: a formação discursiva, o pré-construído, a formação imaginária, a relação entre interlocutores e entre enunciados. Diante disso, visa-se, neste artigo, compreender como o pré-construído, conforme Pêcheux, ou o enunciado antecedente, conforme Bakhtin, participam da constituição do discurso/enunciado presente, de modo a se estabelecer aproximações e distanciamentos entre esses autores. Trata-se de um estudo de cunho teórico e exploratório, no qual foram selecionados e analisados fragmentos de obras dos referidos autores. Como aproximações, pode-se dizer que a exterioridade, considerando-se o pré-construído e o enunciado antecedente, faz-se presente nos discursos atuais e de forma bastante intensa. Como distanciamentos, Pêcheux mostra que o sujeito não tem consciência, ou total consciência, do quanto e de que forma seu discurso é elaborado em função do discurso do outro (o pré-construído). Bakhtin, por sua vez, parece não se preocupar com o fato de o sujeito ter ciência ou não que seu discurso não é independente do discurso do outro. Destaca-se também o fato de Bakhtin mencionar que os enunciados estão interligados, constituindo uma corrente, uma relação linear entre eles. Enquanto Pêcheux explicita que o pré-construído é caracterizado pela dispersão, pela desorganização, não se constituindo linearmente.

PALAVRAS-CHAVE: Pré-construído. Enunciado antecedente. Pêcheux. Bakhtin.

ABSTRACT: Such in Pecheux's as in Bakhtin's views, the production process of a discourse/utterance is not an exclusive process of the subject. There are other elements that also participate in this process, such as discursive formation, pre-constructed, imaginary formation as well as the relation between the speakers and between the utterances. From that, this paper aims to comprehend how the pre-constructed, for Pecheux, or the preceding utterance, for Bakhtin, participate in present discourse/utterance constitution, in order to establish similarities and differences between these authors. It is a theoretical and exploratory study, in which it was selected and analyzed fragments from writings of these authors. As similarities, it can be said that the exteriority, considering the pre-constructed and the preceding utterance, is present into the current discourses and in an intensive way. As differences, Pecheux turns evident that subject is not aware, or entirely aware, of how much and in which way his/her discourse is elaborated in function to the discourse from the other (the pre-constructed). Bakhtin, in its turn, seems does not be worried with the fact of the subject be aware or not that his/her discourse is not independent on the discourse from other. It is also pointed out the fact of Bakhtin mentions the discourses are intersected, forming a chain. While Pecheux considers that the pre-constructed presents as characteristic the dispersion, the disorganization, it is not linearly constructed.

KEYWORDS: Pre-constructed. Preceding utterance. Pecheux. Bakhtin.

1. Situando os estudos de Pêcheux e de Bakhtin

Neste estudo, focamos nossa atenção no pré-construído, conforme adotado por Pêcheux, e no enunciado antecedente, conforme apresentado por Bakhtin. Partimos do fato de que a produção do discurso/enunciado, para os referidos autores, não se caracteriza como

⁵³ Doutoranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria/RS (PPGLetras/UFSM).

⁵⁴ Doutoranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria/RS (PPGLetras/UFSM).

sendo um processo de produção exclusivo do sujeito, ou seja, que dependa unicamente dele. Entretanto, os autores em questão utilizem argumentos diferentes para defender essa ideia. Pêcheux se utiliza do modo como o sujeito é constituído, interpelado pela formação discursiva, dotado de inconsciente, e do modo como o discurso é constituído, estabelecendo ligação com o pré-construído, bem como considerando quem é o interlocutor – o que caracteriza uma formação imaginária em torno do “possível” interlocutor (ouvinte, leitor); enquanto Bakhtin se utiliza do princípio do Dialogismo para explicar e organizar a relação do discurso com os elementos externos à língua, como a relação que se estabelece entre os interlocutores, os quais desenvolvem entre eles uma mútua avaliação social que é refletida em seus discursos, e a relação que se estabelece entre os enunciados (enunciado antecedente, enunciado atual, enunciado posterior).

A partir desses variados elementos que estão associados com a produção do discurso, poderíamos estabelecer várias aproximações e também sinalizar muitos distanciamentos entre os estudos de Pêcheux e os de Bakhtin. Contudo, considerando que, para compreender cada um desses elementos, faz-se necessário explorar tantos outros elementos que estão a eles articulados, optamos por tratar, neste artigo, do modo como o pré-construído – os dizeres disponíveis – participam da constituição do discurso “atual”, na teoria de Pêcheux, ou tratar do diálogo que se estabelece entre enunciado “atual” e enunciados antecedentes, na visão de Bakhtin.

Portanto, visamos, neste artigo, compreender como nas duas teorias distintas, que partem do materialismo histórico, o pré-construído, no caso da Análise de Discurso, ou os enunciados antecedentes, no caso da teoria bakhtiniana, são incorporados como elementos constitutivos do discurso/enunciado presente.

Antes de nos direcionarmos à discussão sobre o pré-construído e o enunciado antecedente, vale destacarmos que Pêcheux e Bakhtin se dedicam ao estudo do discurso a partir de motivações distintas. Pêcheux detém-se nos fatores constitutivos do discurso – tal como ideologia, inconsciente, interdiscurso – tendo como finalidade maior compreender como o discurso significa. Em outras palavras, como são produzidos os “possíveis” sentidos de um determinado discurso e, para isso, propõe a Análise de Discurso, oferecendo dispositivos teóricos e analíticos para estudo do processo de produção de significado.

Bakhtin demonstra preocupação com a constituição do discurso, especificamente, com o processo dinâmico de sua produção nas diferentes esferas sociais. Ele considera que todo dizer se realiza mediante tipos de enunciados relativamente estáveis – os gêneros do discurso – e enfatiza a constituição dos gêneros secundários – os mais complexos – que se formam a

partir da incorporação dos gêneros primários – os mais simples. Por gêneros mais complexos pode-se entender um romance, no qual pode conter a reprodução de cartas, de diálogos em seu interior, sendo esses últimos – cartas, diálogos – gêneros primários, recorrentes na vida cotidiana (BAKHTIN, 1952-3). A preferência pelos gêneros secundários pode ser justificada pelo interesse do autor por questões literárias, perceptível pelas obras publicadas, tais como *Problemática da Poética de Dostoievski* (1929), *O discurso no Romance* (1934-5), dentre outras.

Faz-se relevante mencionarmos também que os estudos de Pêcheux e de Bakhtin foram desenvolvidos em diferentes contextos histórico-sociais, respectivamente, França na década de 1960 e Rússia nas décadas de 1920 a 1950.

A França, naquele momento, estava sob os efeitos da *Revolução de Maio de 68* que “representa o auge da utopia vivida na década de 60, marcando o início da renovação do pensamento político e social, quando o Materialismo Histórico influencia na forma de se pensar as Ciências” (PETRI, 2006, p.2). Começa-se a pensar, em decorrência do progresso na área de Linguística, o sentido não mais somente como conteúdo, o que possibilitou à análise de discurso “não visar *o que* o texto quer dizer (posição tradicional da análise de conteúdo face a um texto), mas *como* um texto funciona” (ORLANDI, 2005, p.21, itálico no original). Também há mudança na forma de conceber a leitura, afastando-a da ideia de simples decodificação. Passa-se a questionar e rejeitar a ideia de linguagem como transparente, na qual os sentidos já estariam dados. Em consequência disso, surge a necessidade de “construir um artefato para ter acesso a ela[a linguagem], para trabalhar sua espessura semântica – linguística e histórica – em uma palavra, sua discursividade.” (Ibid, p.21).

Enquanto na Rússia, URSS, nos anos de 1920 a 1950, durante Governo de Lênin (1917-1924), buscou-se “pensar novas concepções de sociedade e de cultura à luz da filosofia marxista” (BRAIT; CAMPOS, 2009, p.99), a fim de amenizar as diferenças sociais entre a nobreza e os operários e camponeses. No Governo sucessor, Joseph Stalin, vigorou, na Rússia, uma forte censura estatal, a qual impunha que “todo empreendimento editorial ou periódico tinha de ser de um ‘órgão’ de algum outro organismo oficial: o Sindicato dos Escritores, um ministério governamental, uma instituição acadêmica” (EMERSON, 2003, p. 27). Consoante a autora, esse quadro foi alterado, a partir de agosto de 1990, com a Lei de Imprensa Pública Russa que, dentro outras medidas, legalizava a publicação autônoma. Também é relevante destacar que, nesse governo, buscou-se a unificação e homogeneização do povo russo-soviético, sendo “a língua nacional, o grande russo, tomado como dispositivo de base para a construção de um imaginário de nação” (BRAIT; CAMPOS, 2009, p.101).

Assim, a língua, vista como homogênea, seria um instrumento para a construção de uma identidade nacional.

Apesar da distância espácio-temporal entre esses estudiosos, a aproximação entre eles mostra-se pertinente ao considerarmos que as obras deles foram inseridas no Ocidente, e mais especificamente no Brasil, quase de forma concomitante. As obras de Pêcheux começaram a circular em nosso território nos anos 70, mediante a introdução inicial, por Eni Orlandi, de princípios apresentados na *Análise de Discurso Automática*, obra de Pêcheux, tais como “o político como construtivo, a incompletude do sujeito, a falha e a não-transparência da linguagem e, sobretudo, o fato de que o sujeito e o sentido podia/pode ser outro.” (ORLANDI, 2012, p.17). Tratava-se de um contexto regido pela Ditadura Militar.

Quanto à inserção das obras de Bakhtin no Brasil, menciona-se que “o pensamento do Círculo [de Bakhtin], com bastante frequência e durante muitos anos, foi identificado quase que exclusivamente ao livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, o primeiro a ser publicado em português (1979)”. Vale ressaltarmos que esse grande espaço entre a produção das obras e sua circulação a nível mundial resulta da força da censura na Rússia, já comentada acima, sendo que, por exemplo, a obra *Estética da criação verbal*, de Bakhtin, só surge em 1979, com a abertura dos arquivos e é traduzida para o português em 1992. (BRAIT; CAMPOS, 2009).

Outro ponto que torna pertinente compará-los é o fato de que eles iniciam seus estudos a partir de leituras e de interpretações da corrente filosófica: *materialismo histórico*. Eles fizeram reformulações e adaptações de conceitos elaborados por essa corrente – tal como o de ideologia e da relação entre língua e meio social – conforme as motivações que apresentavam para desenvolver seus estudos.

Para compreendermos a relação entre o pré-construído (Pêcheux) e os enunciados antecedentes (Bakhtin) com o discurso/enunciado presente e, assim, elencarmos aproximações e distanciamentos entre o proposto pelos estudiosos em questão, desenvolvemos um estudo de cunho teórico e exploratório. Este estudo consistiu em leituras de aprofundamento de obras dos referidos autores, incluindo seleção e análise de fragmentos no âmbito dessas obras, pertinentes ao objetivo desta pesquisa. Por fim, considerando as características e papéis atribuídos ao pré-construído e o enunciado antecedente, procuramos identificarmos possíveis aproximações e distanciamentos entre os dois autores.

2. Características do pré-construído e seu papel na constituição do discurso atual

Na teoria de Pêcheux, o pré-construído é um dos elementos que, junto à *articulação* ou *processo de sustentação*, compõe a estrutura do interdiscurso. Em Courtine (1999), encontramos uma definição de interdiscurso que nos auxilia a pensar na relação entre pré-construído (enquanto elemento do interdiscurso) e o discurso atual.

O referido autor trata o interdiscurso como um “espaço vertical, estratificado e desnivelado dos discursos”, onde há “séries de formulações marcando, cada uma, enunciações distintas e dispersas, articulando-se entre elas formas linguísticas determinadas (citando-se, repetindo-se, parafraseando-se, opondo-se entre si, transformando-se...)” e acrescenta que

[...]esse espaço interdiscursivo[...] constitui a exterioridade do enunciável para o sujeito enunciator na formação dos enunciados ‘preconstruídos’, de que sua enunciação apropria-se. [...]nesse interdiscurso, o sujeito não tem nenhum lugar que lhe seja assinalável, que ressoa no domínio de memória somente uma voz sem nome. (COURTINE, 1999, p.18-9).

Nessas considerações acerca do interdiscurso, ou espaço interdiscursivo conforme mencionado pelo autor, compreendemos o interdiscurso como formado por uma dispersão de discursos, os quais assumem a forma de pré-construídos. Esses últimos estão interligados por repetição, paráfrase, oposição, dentre outras possibilidades, e sua autoria é desconhecida pelo sujeito falante. Assim, eles – os pré-construídos – representam elementos da exterioridade que estão presentes no discurso atual. Portanto, quando o sujeito se apropria de pré-construídos para produzir ‘seu’ discurso, ele insere elementos da exterioridade, como discursos produzidos por outros, em outro espaço e momento sob outras condições ou contexto sócio-histórico. É nessa apropriação daquilo que já foi dito que se estabelece a relação entre pré-construído (discursos de outros e anteriores) e discurso atual.

Essa relação fica bem explícita nas palavras de Pêcheux (1995), ao mencionar a formação discursiva “como espaço de reformulação-paráfrase onde se constitui a ilusão necessária de uma ‘intersubjetividade falante’ pela qual cada um sabe de antemão o que o ‘outro’ vai pensar..., e com razão, já que *o discurso de cada um reproduz o discurso do outro.*” (p.172, grifo nosso).

O pré-construído também está, na teoria de Pêcheux, fortemente vinculado à formação do sujeito (forma-sujeito) – o indivíduo interpelado em sujeito (sujeito de seu discurso) – ou seja, um sujeito que acredita ser a origem e a causa de si mesmo. Podemos compreender como o pré-construído está presente nesse processo de constituição do sujeito a partir das palavras do autor:

Podemos agora precisar que a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apoia-se no fato de que os elementos do interdiscurso (sob sua dupla forma, descrita mais acima, enquanto “pré-construído” e “processo de sustentação”) que constituem, no discurso do sujeito, os traços

daquilo que o determina, são re-inscritos no discurso do próprio sujeito. (PÊCHEUX, 1995, p.163)

Entendemos que quando um indivíduo se identifica com a formação discursiva que o domina, ele torna-se sujeito de seu discurso; em outras palavras, é interpelado em sujeito-falante pela formação discursiva. Os elementos do interdiscurso ‘participam’ dessa identificação na medida em que formam traços voltados à determinação do sujeito, criando a aparência de autonomia, e reinscrevem-se no discurso do próprio sujeito.

A formação discursiva é definida pelo autor como um sistema de enunciados, no qual os sentidos se constituem, logo, “palavras, expressões e proposições, etc..., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas” (PÊCHEUX, 1995, p.160-1).

Essa relação entre pré-construído e formação do sujeito (forma-sujeito), encontra-se bem pontuada no fragmento abaixo, no qual Pêcheux, referindo-se ao interdiscurso enquanto pré-construído, afirma que esse último

fornece, por assim dizer, a matéria prima na qual o sujeito se constitui como ‘sujeito falante’, com a formação discursiva que o assujeita. Nesse sentido, pode-se bem dizer que o intradiscurso, enquanto ‘fio do discurso’ do sujeito, é, a rigor, um efeito do interdiscurso sobre si mesmo, uma ‘interioridade’ inteiramente determinada como tal ‘do exterior’. E o caráter da forma-sujeito, com o idealismo espontâneo que ela encerra, consistirá precisamente em reverter a determinação: diremos que a forma-sujeito (pela qual o ‘sujeito do discurso’ se identifica como a formação discursiva que o constitui) tende a absorver-esquecer o interdiscurso no intradiscurso, isto é, ela simula o interdiscurso no intradiscurso, de modo que o interdiscurso aparece como o puro ‘já-dito’ do intradiscurso, no qual ele se articula por ‘co-referência’. Parece-nos, nessas condições, que se pode caracterizar a forma-sujeito como realizando a incorporação-dissimulação dos elementos do interdiscurso: a unidade (imaginária) do sujeito, sua identidade presente-passada-futura encontra aqui um de seus fundamentos. (p.167).

O sujeito (forma-sujeito), conforme concebido no âmbito da Análise de Discurso, elabora seu discurso, a partir da apropriação do que já foi dito e é sabido – o pré-construído, mas sem ter consciência sobre a origem do que está enunciando em seu discurso, ou melhor, ignorando que seu discurso tenha incorporado discursos de outros e anteriores, apresenta-se como produtor de seu discurso, considerando-se a origem do mesmo.

A partir da compreensão de que os pré-construídos têm um papel essencial na produção do discurso atual, ou seja, que há ligações entre esses dizeres, retomamos Orlandi, ao afirmar que “[...] todo texto é sempre uma unidade complexa; não há texto, não há discurso, que não esteja em relação com os outros, que não forme um intrincado nó de discursividade.” (ORLANDI, 2001, p.89). Assim, o discurso atual é produzido a partir de relações estabelecidas com os outros discursos já existentes, mas esquecidos, que constituem o espaço interdiscursivo, mediante a apropriação pelo sujeito do que já foi dito ao produzir

seu discurso nas condições sócio-históricas do contexto atual, ou seja, na tomada da palavra para constituir sua enunciação.

3. Características do enunciado antecedente e seu papel na constituição do enunciado atual

Na teoria bakhtiniana, encontramos menção explícita acerca da relação que se estabelece entre enunciados antecedentes e enunciados presentes bem como dos efeitos dos primeiros sobre os últimos.

Mencionamos, primeiramente, que Bakhtin coloca a existência de enunciados antecedentes como um fato inquestionável, ao considerar que “o falante não é um Adão bíblico só relacionado com objetos virgens ainda não nomeados, aos quais dá o nome pela primeira vez” (BAKHTIN, 2006, p.300). Dessa forma,

todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau; porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema de língua que usa, mas também de alguns enunciados antecedentes – dos seus e alheios – com os quais o enunciado entra nessas ou naquelas relações (baseia-se neles polemiza com eles, simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte). (Ibid., p.272).

Percebemos, no fragmento acima, que o diálogo que o falante estabelece com o que já foi dito – enunciado antecedente – pode ser explicitado, quando o falante deixa claro para o interlocutor que seu enunciado é uma resposta a algo já dito; ou ficar implícito, quando o falante organiza seu enunciado considerando que o interlocutor tem conhecimento do que já foi dito e essa relação entre os enunciados – antecedentes e o atual – fica por conta do interlocutor reconhecer. Entretanto, em qualquer uma das possibilidades, os enunciados antecedentes são tomados como ponto de partida, ou melhor, servem como referência para a elaboração do enunciado atual.

Essa tomada de discursos antecedentes como referência para produção do discurso atual fica evidente na obra de Bakhtin, por exemplo, quando o autor se refere ao modo como o falante realiza a seleção do léxico que irá utilizar em seu enunciado. Consoante o autor,

Quando escolhemos as palavras no processo de construção de um enunciado, nem de longe as tomamos sempre do sistema da língua em sua forma neutra, lexicográfica. Costumamos tirá-las de outros enunciados e antes de tudo de enunciados congêneres com o nosso, isto é, pelo tema, pela composição, pelo estilo... (BAKHTIN, 2006, p.292-3)

Vale ressaltarmos que mesmo ao se utilizar de palavras presentes no enunciado alheio, o sentido que essa palavra assume, no enunciado atual, pode ser diferente daquele assumido no enunciado do qual foi retirada. Pois, na visão do autor,

Mesmo os sentidos passados, aqueles que nasceram do diálogo com os séculos passados, nunca estão estabilizados (encerrados, acabados de uma vez por todas). Sempre se modificam (renovando-se) no desenrolar do subsequente, futuro. Em cada um dos pontos do diálogo que se desenrola, existe uma multiplicidade inumerável, ilimitada de sentidos esquecidos, porém, num determinado ponto, no desenrolar do diálogo, ao sabor de sua evolução, eles serão rememorados e renascerão numa forma renovada (num contexto novo). (BAKHTIN, 2000, p. 413).

Considerando que o falante, ao produzir seu enunciado, parte daquilo que está apresentado, em outros enunciados – alheios e antecedentes -, sobre o objeto de seu enunciado atual, ele encontra-se “com opiniões de interlocutores imediatos (na conversa ou na discussão sobre algum acontecimento do dia-a-dia) ou com pontos de vista, visões de mundo, correntes, teorias, etc. (no campo da comunicação cultural).” (BAKHTIN, 2006, p. 300)

Mediante a citação acima, percebemos que os enunciados antecedentes, ou o discurso do outro, estão disponíveis ao falante sob a forma de opiniões, pontos de vista, visões de mundo, correntes, teorias, expressos verbalmente, podendo ou não conter marcas de pessoalidade. Assim, quando os enunciados atuais dialogam com enunciados antecedentes, que podem assumir essas diferentes formas, ele pode dialogar com um interlocutor real e presente, como em conversas do cotidiano, ou dialogar com o que foi dito, com o que está disponibilizado acerca de determinado objeto sem ter conhecimento sobre quem produziu esses enunciados antecedentes, ou seja, o outro. Consoante o autor coloca: “não há limites para o contexto dialógico (este se perde num passado ilimitado e num futuro ilimitado)” (BAKHTIN, 2000, p.413).

Ao se expressar, o falante considera o que já foi dito ou é sabido sobre determinado objeto, que se encontra verbalizado e constitui os enunciados antecedentes. Dessa forma, esses enunciados acabam por determinar o discurso que o sujeito está produzindo, conforme indica Bakhtin: “o enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva e não pode ser separado dos *elos precedentes que o determinam* tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas.” (2006, p.300, grifo nosso).

4. Aproximações e distanciamentos entre pré-construído e enunciado antecedente

Tanto no âmbito da Análise de Discurso quanto da Teoria Bakhtiniana, percebemos que é atribuído um papel determinante ao pré-construído bem como ao enunciado antecedente na produção do discurso presente. Para Pêcheux, é apropriando-se do que já foi dito,

disponível no espaço interdiscursivo sob a forma de pré-construídos, ou seja, discursos dispersos e desorganizados, que o sujeito constitui ‘seu’ próprio discurso, imaginando ser a origem do mesmo. Para Bakhtin, o sujeito elabora seu discurso, tomando como referência o que já foi dito – o enunciado antecedente, ou seja, estabelecendo algum tipo de relação, seja de concordância, de discordância, total ou parcial, com o enunciado proferido por outro em momento anterior.

Assim, podemos dizer que a exterioridade, considerando-se o pré-construído e o enunciado antecedente, faz-se presente nos discursos atuais e de forma bastante intensa, já que o pré-construído é apropriado e torna-se elemento do discurso atual e o enunciado antecedente interfere no discurso atual, pois esse fornece uma resposta, sob a forma de compreensão responsiva ativa ou muda, ao que foi dito anteriormente.

Enquanto Pêcheux deixa claro que o sujeito não tem consciência, ou total consciência, do quanto e de que forma seu discurso é elaborado em função do discurso do outro (o pré-construído), Bakhtin parece não demonstrar preocupação com o fato de o sujeito reconhecer ou não que seu discurso não é independente do discurso prévio de outro.

Outro aspecto, que distancia a teoria dos estudiosos em questão, é o fato de Bakhtin mencionar que os discursos estão interligados (enunciado antecedente, enunciado atual e enunciado futuro) como se constituindo uma corrente, o que transmite a ideia de que a relação entre esses enunciados é linear. Ao passo que Pêcheux, explicita que o pré-construído apresenta como característica a dispersão, a desorganização, não apresentando aspecto linear.

Não tivemos objetivo, neste estudo de cunho teórico e exploratório, dar conta de todas as possíveis aproximações e distanciamentos entre os autores, mas sinalizar alguns aspectos iniciais que podem ser aprofundados em estudos posteriores. Em linhas gerais, percebemos grande proximidade entre o proposto pelos autores; contudo, observamos a importância de se manter bem definidas as particularidades e as motivações do estudo de cada um deles.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. ‘Observações sobre a epistemologia das ciências humanas’. In: _____. **Estética da criação verbal**. 2. ed. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. p.400-414. São Paulo: Martins Fontes, 1974/1997 (Coleção Ensino Superior).
- BAKHTIN, Mikhail. ‘Os gêneros do discurso’. In: _____. **Estética da criação verbal**. 4.ed., (1952-3). Tradução de Paulo Bezerra. p.261-306. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRAIT, Beth. CAMPOS, Maria I. B.. ‘Da Rússia Czarista à web’. In: BRAIT, Beth. (org.). **Bakhtin e o círculo**. p.15-30. São Paulo: Contexto, 2009.

COURTINE, Jean-Jacques. O chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e os esquecimentos na enunciação do discurso político. Tradução de Marne Rodrigues de Rodrigues. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria C. L. (org.). **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**. p.15-22. Porto Alegre: Editora Sagra-Luzzatto, 1999.

EMERSON, Caryl. **Os cem anos de Mikhail Bakhtin**. Tradução de Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 3.ed. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e Texto: Formulação e circulação dos sentidos**. 2.ed. Campinas: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni P. **Discurso em Análise: Sujeito, sentido e ideologia**. Campinas: Pontes, 2012.

PECHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 2.ed. Tradução de Eni P. Orlandi [et. al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995. (Coleção Repertórios).

PETRI, Verli. 'Michel Pêcheux e a teoria do discurso nos anos 60'. **Revista Expressão**, p.186-192. Revista do Centro de Artes e Letras da UFSM, v.1, n.2, jul-dez, 2006. Disponível em: <http://www.ufsm.br/corpus/txts_profes/Verli_expressao.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2012.